

2

O Afeto em Ferenczi

“o conhecimento de uma parte da realidade, talvez a mais importante, não pode se tornar uma convicção pela via intelectual mas apenas quando se faz conforme com a experiência afetiva”
Sándor Ferenczi

2.1

Ferenczi e a Psicanálise

Sándor Ferenczi nasceu em Miskolcz, na Hungria, em julho de 1873, sendo o oitavo filho de uma numerosa família, com seis irmãos e quatro irmãs. Seu pai, imigrante judeu polonês nascido na Cracóvia, participou da insurreição húngara contra o domínio austríaco, levado por seu entusiasmo pela revolução liberal de 1848. Anos depois, ele se tornou proprietário de uma livraria, onde passou a exercer o ofício de gráfico e editor. Em 1880 foi eleito presidente da Câmara de Comércio de Miskolcz, vindo a falecer em 1888, quando Sándor tinha apenas quinze anos (Barande, 1996; Bokanowski, 2000).

Os poucos relatos sobre a infância de Ferenczi parecem indicar uma atmosfera intelectualmente estimulante. Estudou num colégio protestante, onde se destacava como um aluno brilhante e um “onanista secreto” - como ele mesmo confidenciou mais tarde numa carta datada de 31 de dezembro de 1921 e enviada ao amigo Georg Groddeck. Ao terminar os estudos secundários, mudou-se para Viena onde cursou a universidade em tempo regular, mas sem o destaque dos anos escolares, pois preferia levar a vida boa – revelação do próprio Ferenczi, também numa carta a Groddeck. Formou-se médico e obteve o diploma em 1894 (Sabourin, 1988).

Após o serviço militar no exército austro-húngaro, estabeleceu-se em Budapeste. A partir de 1897, trabalha no Hospital Saint-Roch como médico em um serviço para prostitutas, depois, em 1900, entra na unidade de neurologia e psiquiatria da casa dos pobres Santa Elizabeth e, em 1904, na policlínica de uma cooperativa de auxílio à doença (Bokanowski, 2000, p. 14).

Ainda em 1900, abre seu consultório particular onde exerce as funções de clínico geral e neuropsiquiatra. Mais tarde, torna-se também perito junto aos tribunais penais. A atuação médica de Ferenczi e os textos escritos nos primeiros anos do século XX trazem a marca de seu ecletismo, curiosidade intelectual, firmeza ao expressar os seus pensamentos e sua preocupação com o cuidado e a cura de seus pacientes. Sua postura a respeito de temas polêmicos, como por exemplo, o homossexualismo, diante de seus colegas médicos e da sociedade de Budapeste, revela o seu caráter subversivo e militante, em que as concepções de seu “pensamento e da sua prática trazem em si potenciais revolucionários” (Sabourin, 1988, p. 16). Traços marcantes de sua personalidade e de sua atuação que, mais tarde, veio a lhe render a reputação de *enfant terrible* da psicanálise.

Segundo Bokanowski, Ferenczi chegou a ler em 1893 o artigo que Freud produzira em parceria com Breuer (*Comunicação Preliminar*), mas, segundo os relatos, parece não ter dado grande importância a esta leitura. Curiosa coincidência esse desencontro entre os dois, justamente quando moravam na mesma cidade e, possivelmente, frequentavam os mesmos ambientes e círculos médicos. Anos mais tarde, porém, por incitação de seu colega Philippe Stein, Ferenczi teve acesso novamente a algumas obras de Freud, principalmente, *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Dessa vez, ao contrário, Ferenczi demonstrou grande entusiasmo e resolveu escrever a Freud para solicitar um encontro, a que Freud lhe respondeu favoravelmente. O encontro aconteceu no início de fevereiro de 1908. Além de extremamente fecundo para a história do movimento psicanalítico, este encontro foi decisivo para a trajetória pessoal e profissional de ambos. Aparentemente bastante impressionado com Ferenczi, Freud o convidou para apresentar uma comunicação no I Congresso Internacional de Psicanálise em Salzburgo, Áustria, em abril do mesmo ano e, além disso, a se reunir com ele e sua família durante as férias de verão poucos meses depois. Ao longo do ano de 1908, Ferenczi estudou detalhadamente toda a bibliografia psicanalítica produzida até então e passou a integrar o seleto grupo de alunos e discípulos de Freud, junto com K. Abraham, M. Eitingon, C. G. Jung, E. Jones, entre outros, que se reunia regularmente nas noites de quarta-feira em Viena, selando, definitivamente, o vínculo intenso e extremamente denso entre ele e Freud, por aproximadamente vinte e cinco anos, de muitas viagens juntos, visitas entre os dois e das mais de

mil e duzentas correspondências trocadas (Bokanowski, 2000), provas documentais da “turbulenta amizade e colaboração mutuamente parasitária que os uniu de 1908 a 1933” (Figueiredo, 1999, p. 137).

A comunicação apresentada por Ferenczi no Congresso de Salzburgo, intitulada *Psicanálise e Pedagogia* (1908), é impressionante pela ousadia e por sua originalidade. Trata-se do primeiro artigo psicanalítico sobre o tema. Nela, Ferenczi considera que uma reforma na pedagogia, influenciada pelas descobertas psicanalíticas, poderia atingir objetivos profiláticos importantes nos casos elevados e cada vez mais crescentes de afecções psiconeuróticas na sociedade. Ele acredita que a pedagogia de sua época “obriga a criança a mentir para si mesma, a negar o que sabe e o que pensa” (Ferenczi, 1908, p. 36), incorrendo assim em um de seus mais graves erros, o recalçamento de ideias e emoções. Vinte anos mais tarde, no texto *A adaptação da família à criança* (1928a), num comentário sobre a relação entre psicanálise e educação, volta a criticar as práticas pedagógicas e a defender sua convicção no poder de transformação da psicanálise, e afirma:

Freud chamava à psicanálise uma espécie de *pós-educação* do indivíduo, mas as coisas tornaram-se de tal natureza que não tardará muito para que a educação tenha muito mais a aprender da psicanálise do que o inverso. A psicanálise ensinará aos pedagogos e aos pais a tratar suas crianças de modo a tornar supérflua qualquer pós-educação (Ferenczi, 1928a, p. 12, grifado no original).

As inúmeras demonstrações de defesa da psicanálise, sempre de forma obstinada, levaram Freud a escrever-lhe, em uma carta de 1929 (numa época em que já começava a existir um afastamento entre os dois), que considerava Ferenczi o seu “Paladino e Grão-vizir secreto” (Bokanowski, 2000, p. 35). Outros comentários públicos de Freud são ainda mais conhecidos nos meios psicanalíticos, por fazerem parte das *Obras Completas* de Freud. Em 1914, no trabalho sobre *A História do Movimento Psicanalítico*, Freud relata que “da Hungria, geograficamente tão perto da Áustria, e cientificamente tão distante, surgiu um único colaborador, mas que, em compensação, vale por uma sociedade inteira” (Freud, 1914, p. 45).

Em 1923, por ocasião do quinquagésimo aniversário de nascimento de Ferenczi e pela primeira década à frente da Sociedade Psicanalítica de Budapest, Freud publica um pequeno artigo em sua homenagem, onde faz um histórico da

importância de Ferenczi para o movimento psicanalítico. Sobre o primeiro encontro dos dois em Viena, Freud comenta:

Essa primeira visita foi sucedida por uma longa, íntima e até hoje imperturbada amizade, no decorrer da qual também efetuou a viagem aos Estados Unidos, em 1909, a fim de pronunciar conferências na Universidade de Clark, em Worcester, Mass. Esses foram os começos de Ferenczi que, desde então, se tornou, ele próprio, mestre e professor de psicanálise (Freud, 1923, p. 333).

Freud continua, lembrando a sua participação, em 1910, no II Congresso Psicanalítico, realizado em Nuremberg, onde Ferenczi propôs a criação e ajudou na fundação da Associação Psicanalítica Internacional, e no V Congresso, em setembro de 1918, em Budapest, onde se tornou presidente da Associação. As declarações entusiasmadas e os elogios atravessam todo o artigo. Ferenczi é saudado por suas características de “professor bondoso” e revelador de jovens talentos, capaz de realizar palestras claras e fascinantes, além de suas impressionantes comunicações científicas e clínicas. Freud cita, entre outros, os artigos *Transferência e Introjeção* (1909) e *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios* (1913) como sendo

os trabalhos sobre os quais a fama de Ferenczi principalmente repousa, onde sua originalidade, sua riqueza de idéias e seu domínio de uma imaginação científica bem dirigida encontram tão feliz expressão, e onde ampliou importantes seções da teoria psicanalítica e promoveu a descoberta de situações fundamentais da vida mental (Freud, 1923, p. 335).

Cerca de dez anos após este artigo, em maio de 1933, Freud redigiu o necrológico de Ferenczi. Nele, além de enaltecer a personalidade afável do amigo, reconhece que a colaboração entre os dois, durante as conversas nos encontros e viagens, foi responsável por dar forma inicial a numerosos artigos e trabalhos produzidos por cada um deles. Também menciona um aspecto particularmente importante desta relação entre os dois, destacado por muitos comentadores e estudiosos da história da psicanálise, a realização da análise que Ferenczi fez com Freud. Destaca ainda que Ferenczi tornou seus discípulos todos os analistas e conclui o artigo profetizando que considera “impossível imaginar que a história de nossa ciência algum dia venha a esquecer-lo” (Freud, 1933, p. 279).

A profecia de Freud, porém, teve que esperar algumas décadas para se confirmar. De acordo com Pinheiro, (1995), Ferenczi foi vítima não apenas de sua doença (anemia de Biermer), mas principalmente da doença que acomete normalmente as instituições e, em particular, aquela que ele justamente ajudou a criar (Pinheiro, 1995). As picuinhas, os boatos e as divergências pessoais (muitas vezes, travestidas de discordâncias teóricas) foram as responsáveis pelo seu esquecimento nos meios psicanalíticos - se não de forma deliberada, mas certamente exitosa - após a sua morte, em 22 de maio de 1933, por insuficiência respiratória em decorrência das complicações neurológicas do seu quadro clínico. A defesa de suas ideias, com a reformulação das teorias e as inovações técnicas dos seus últimos anos, passaram a ser vistas com receio e desconfianças por boa parte dos psicanalistas, inclusive pelo próprio Freud. O afastamento progressivo e o desacordo entre os dois se tornaram públicos após o Congresso de Wiesbaden, em 1932, quando, mesmo contrariando a solicitação de Freud, Ferenczi apresentou em sua palestra as ideias contidas no texto *Confusão de Língua*, publicado no ano seguinte (Bokanowski, 2000).

Foram necessários muitos anos para que sua obra pudesse ser novamente recuperada, traduzida e revisitada. Boa parte desse empreendimento se deu após a II Guerra Mundial, tendo sido iniciado com o trabalho de seu conterrâneo psicanalista e colaborador Michaël Balint (Sabourin, 1988). Nas últimas décadas, o interesse em torno da produção ferencziana tem se tornado crescente, como um autor fundamental para as discussões contemporâneas sobre a clínica, por suas reflexões sobre a necessidade de transformação no dispositivo clássico psicanalítico e pelo seu pioneirismo em tratar os casos “difíceis” e “não-analisáveis”, como pacientes psicóticos, os casos-limite (*borderlines*) e grandes somatizadores (Pinheiro, 1995). A influência do pensamento de Ferenczi é destacada por seus comentadores como tendo contribuído para a produção de diversos autores psicanalíticos (entre eles, Michaël Balint, Melaine Klein, W. Bion, D. W. Winnicott), em diferentes países (Sabourin, 1988; Bercherie, 1984, 2004).

2.2

Sobre o afeto em Ferenczi

Em seu livro sobre a vida e a obra de Ferenczi, Thierry Bokanowski (2000) o considera como um dos membros mais representativos e importantes entre os “pioneiros” do movimento psicanalítico, reconhecendo sua riqueza conceitual e a abrangência da produção psicanalítica ferencziana. Bokanowski estabelece três períodos na evolução das ideias de Ferenczi. O primeiro destes períodos compreende o intervalo entre os anos de 1908 a 1914, caracterizado pelas contribuições para a consolidação e ampliação das descobertas freudianas. A marca importante deste período é a criação do conceito de introjeção. O segundo período (1914-1925), de acordo com Bokanowski, é o de desenvolvimento de seu pensamento, com particular interesse para as questões ligadas à técnica psicanalítica e das suas relações com o corpo teórico da psicanálise. Além desta preocupação com os efeitos da técnica, durante este período, Ferenczi conclui a sua “ficção bioanalítica”, com a publicação de *Thalassa*, em 1924. O terceiro e último período, de 1926 a 1933, se caracteriza pela colocação em perspectiva das novas orientações e propostas técnicas, que levaram Ferenczi a importantes revisões teóricas e avanços conceituais, principalmente, pelas reflexões a respeito do “trauma” (Bokanowski, 2000).

Outro tipo de periodização de sua obra, comumente encontrada nos trabalhos de muitos de seus comentadores e estudiosos, toma como referência as transformações empreendidas na técnica psicanalítica: 1) técnica ativa (1919-1926); 2) elasticidade da técnica (1926-1928); princípio de relaxamento e neocatarse (1929-1932); 4) e a análise mútua (1932), proposta presente no *Diário Clínico* (1932) (Pinheiro, 1995).

Diferentemente da proposta do primeiro capítulo, onde o desenvolvimento da conceituação do afeto na obra freudiana seguiu, sempre que possível, a ordem cronológica dos textos, nesta seção, a questão do afeto será abordada a partir dos desdobramentos dos conceitos de “introjeção” e “trauma” nos trabalhos ferenczianos. Essa diferença se faz, em primeiro lugar, porque, do ponto de vista teórico, Ferenczi não tem propriamente uma teorização a respeito do afeto (tal como Freud em sua metapsicologia), embora aponte a dimensão afetiva com

grande destaque em suas apresentações clínicas e ensaios teóricos, em inúmeras citações e referências. Em segundo, porque as divergências teóricas entre os dois autores são relativamente pequenas e, normalmente, apresentadas de modo muito sutil por Ferenczi em seus textos. E, no caso específico sobre o entendimento do afeto, a meu ver, elas se apresentam, principalmente, por diferentes nuances e ênfases, porém, extremamente significativas e importantes para os objetivos e os desdobramentos deste trabalho. Segundo Pinheiro (1995),

para Ferenczi, tudo o que é externo ao aparelho psíquico, tudo o que vem perturbar a ordem e o ritmo deste, ganha relevo. Faz assim, contraponto a Freud que, na construção da metapsicologia, dá ênfase ao que o próprio aparato psíquico é capaz de produzir. Ferenczi parece ver no externo ao aparato psíquico o fator determinante para toda mudança possível. Em suma, em lugar dos fatores endógenos, seriam sobretudo os fatores externos ao sujeito os grandes perturbadores do aparelho psíquico. Não existe aí nenhum radicalismo, como se poderia pensar, pois ele não põe em dúvida a importância dos fatores endógenos, embora sempre ressalte os fatores externos ao mundo intrapsíquico (Pinheiro, 1995, p. 35).

Essa ênfase sobre os fatores externos, exógenos, que envolvem o ambiente, o entorno, o aspecto relacional e a experiência vivida é também apresentada por outros autores como o contraponto de Ferenczi às concepções freudianas, cuja ênfase recai mais sobre o aspecto constitucional, pulsional, psíquico, representacional, fantasístico... (Barande, 1996; Jimenez Avello, 2006).

Introjeção

O conceito de introjeção aparece pela primeira vez na obra ferencziana em 1909, no artigo *Transferência e Introjeção*. Três anos depois, em 1912, ele escreve outro artigo sobre o tema, *O conceito de introjeção*, com o objetivo de reafirmar a sua definição, de maneira mais esclarecedora, e de afastar os possíveis equívocos realizados na interpretação e na apropriação do conceito (Ferenczi, 1912).

Eu descrevi a introjeção como a extensão ao mundo externo do interesse, auto-erótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na esfera do ego. Insisti nessa “introdução”, para sublinhar que considero *todo amor objetal* (ou *toda transferência*) como uma extensão do ego ou *introjeção*, tanto no indivíduo normal quanto no neurótico (e no paranóico também, naturalmente, na medida em que conservou essa faculdade) (Ferenczi, 1912, p. 181, grifado no original).

A discussão no artigo de 1909 se faz a partir da análise da transferência e da diferença entre os processos de projeção e “introjeção”, respectivamente, nos paranóicos e nos neuróticos. Assim, de acordo com Ferenczi, “o neurótico está em perpétua busca de objetos de identificação, de transferência, isso significa que atrai tudo o que pode para a sua esfera de interesses, “introjeta-os”” (Ferenczi, 1909, p. 84, grifado no original). Mais adiante, porém, neste mesmo texto, Ferenczi comenta não haver diferença fundamental entre os indivíduos “normais” e os neuróticos, pois, segundo a teorização psicanalítica, não há nada de específico ou exclusivo nos neuróticos em relação aos conteúdos psíquicos, mas apenas uma diferença quantitativa, de intensidade, ou de ordem prática. Portanto, o mecanismo de introjeção não pode ser considerado como um processo psíquico característico das neuroses. Ferenczi propõe, então, um modo de pensar o desenvolvimento individual do ego – ou ontogênese - a partir da experiência psicanalítica da seguinte maneira:

Pode-se pensar que o recém-nascido experimenta todas as coisas de maneira *monista*, quer se trate de um estímulo externo ou de um processo psíquico. Só mais tarde a criança aprenderá a conhecer a “malícia das coisas”, aquelas que são inacessíveis à introspecção, rebeldes à vontade, ao passo que outras ficam à sua disposição e submetidas à sua vontade. O monismo converte-se em dualismo. Quando a criança exclui os “objetos” da massa de suas percepções, até então unitárias, para formar com eles o *mundo externo* e, pela primeira vez, opõe-lhes o “ego” que lhe pertence mais diretamente; quando distingue, pela primeira vez, o *percebido* objetivo (*Empfindung*) do vivenciado subjetivo (*Gefühl*), está efetuando, na realidade, a sua primeira operação projetiva, a “projeção primitiva”. E se, mais tarde, deseja desembaraçar-se dos afetos desagradáveis no modo paranóico, não tem necessidade de um método inteiramente novo; assim como objetivou outrora parte de sua sensorialidade, expulsará agora uma parte maior do ego para o mundo externo, transformando ainda mais afetos subjetivos em sensações objetivas (Ferenczi, 1909, p. 85, grifado no original).

Interessante notar como a descrição apresentada acima antecipa e se encontra muito próxima do conceito de narcisismo, desenvolvido por Freud somente cinco anos depois, em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (Freud, 1914). Mas Ferenczi continua a sua exposição:

Entretanto, uma parte maior ou menor do mundo externo não se deixa expulsar tão facilmente do ego mas persiste em impor-se, como que por desafio: ama-me ou odeia-me, “combate-me ou sê meu amigo!” E o ego cede a esse desafio, reabsorve uma parte do mundo externo e a incluirá em seu interesse: assim se constitui a primeira introjeção, a “introjeção primitiva”. O primeiro amor, o

primeiro ódio, realizam-se graças à transferência; uma parte das sensações de prazer ou de desprazer, auto-eróticas na origem, deslocam-se para os objetos que as suscitaram. No início, a criança só gosta da *saciedade*, porque ela aplaca a fome que a tortura – depois acaba gostando também da mãe, esse objeto que lhe proporciona a saciedade. O primeiro *amor objetal*, o primeiro *ódio objetal* constituem, portanto, a raiz, o modelo, de toda transferência posterior, que não é, por conseguinte, uma característica da neurose mas a exageração de um processo mental normal (Ferenczi, 1909, p. 85, grifado no original).

Se seguirmos essa indiferenciação proposta por Ferenczi entre neurose e “normalidade”, podemos inferir, a partir de suas considerações, que a introjeção é esse processo que compreende dois momentos: um primeiro, de extensão dos investimentos libidinais que se dirigem aos objetos, quando espalha as emoções e os afetos flutuantes sobre esses objetos e pessoas da sua esfera de interesses e, um outro momento, quando recolhe os traços, sensações e afetos do mundo externo e os absorve na esfera do ego, numa espécie de metabolização e apropriação desses investimentos (Ferenczi, 1909, 1912; Pinheiro, 1995).

Nessa sequência de aproximações, Ferenczi propõe corresponder essa situação infantil primitiva, dos primeiros objetos introjetados, aos processos de identificação posteriores, com as figuras parentais, professores, superiores e, também, com a figura do hipnotizador e do analista. Essa constatação deriva da observação do fenômeno da transferência na experiência psicanalítica, da reedição dos movimentos afetivos (“positivos” ou “negativos”) da primeira infância que se atualizam na relação com o analista, “*transferidos do complexo de representações da relação pais-filho(a) para a relação médico-paciente*” (Ferenczi, 1909, p. 94, grifado no original). Ou seja, de acordo com Bokanowski (2000), ao enfatizar “os mecanismos precoces da identificação, Ferenczi é levado a considerar o fato de que as representações, assim como as sensações e emoções corporais, são uma reedição das transferências de afetos, amor e medo, ligadas aos objetos parentais da primeira infância” (Bokanowski, 2000, p. 51)

Sobre a tradução do termo em português “transferência”, no lugar do alemão *Übertragung*, de acordo com Hanns (1996), “perde-se a conotação de trânsito reversível e maleável por um “arco” que interliga o ponto de origem e o ponto de destino” (Hanns, 1996, p. 415, grifado no original), passado e presente, longe e perto, de um contexto para o outro, mantendo, porém, a ideia, a matéria e o sentido de origem. Com essas observações, podemos destacar ainda com mais clareza a afirmação de Ferenczi (de uma idéia já presente em Freud): “no mais

profundo do nosso ser continuamos crianças e assim ficaremos toda a nossa vida. *Grattez l'adulte et vous y trouverez l'enfant* (“Raspem o adulto e por baixo dele encontrarão a criança”) (Ferenczi, 1909, p. 98, grifado no original).

Teresa Pinheiro define a introjeção na obra de Ferenczi como “a própria forma de funcionamento do aparelho psíquico, aquilo que o psiquismo pode e sabe fazer, mas sobretudo traz embutida em si uma noção de produtos tais como representar, produzir fantasma e identificações” (Pinheiro, 1995, p. 45). Ainda segundo a autora, traz também a possibilidade de dar sentido para a experiência vivida e uma ordem de valores (hierarquia e diferenças entre as diversas qualidades).

Isto nos permite supor que, para Ferenczi, a inclusão na esfera psíquica do diferencial prazer / desprazer (responsável pela instauração da ordem psíquica sob a regência do princípio do prazer) seria necessariamente realizada pela primeira introjeção. É o primeiro objeto introjetado que inauguraria o sentido de prazer ou desprazer. Se é o processo de introjeção que possibilita a inscrição do diferencial prazer / desprazer no aparelho psíquico, é ele que funda este aparelho; é ele que implanta a ordem da sexualidade através do princípio do prazer. Afirmando que a introjeção é o primeiro processo psíquico, Ferenczi anuncia, por assim dizer, sua intenção de atrelar a introjeção à ordenação psíquica propriamente dita (Pinheiro, 1995, p. 46).

Este é um aspecto também ressaltado por Bokanowski: “a idéia crucial introduzida por Ferenczi é a de que a *introjeção* é um *processo*, um processo psíquico *organizador* da psique” (Bokanowski, 2000, p. 51, grifado no original). Assim, tanto Pinheiro quanto Bokanowski procuram enfatizar este aspecto “psíquico” da introjeção. Não pretendo aqui afirmar o contrário, mas a partir de uma releitura dos textos ferenczianos e de sua obra, acredito ser possível esvaziar essa proposta em favor de uma outra ideia que a produção ferencziana parece trazer, a de tornar mais porosas e interpenetráveis as composições mente / corpo, mundo interno / mundo externo, filogênese / ontogênese, natureza / cultura. O flerte com esta proposta ainda menos estanque do que a concepção dualista freudiana atravessa, de certo modo, toda a obra de Ferenczi, como por exemplo, no seu interesse pelas patoneuroses, pela concepção monista de Georg Groddeck e pelos fenômenos de “materializações” históricas. Boa parte dessas ideias encontram-se agrupadas na perspectiva “utraquista” do seu “ensaio bioanalítico”, em *Thalassa*.

A ficção bioanalítica

Em 1924, Ferenczi finalmente publica o livro que se dedicou a escrever durante longos anos, *Thalassa: ensaio sobre a teoria da sexualidade*. Na introdução do texto, Ferenczi afirma que as primeiras ideias de uma teoria filogenética e ontogenética lhe surgiram em 1914, durante a tradução que fazia para o húngaro dos *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905) de Freud.

Acabei por me convencer, com o passar do tempo, de que a introdução na psicologia de noções colhidas no domínio da biologia e, por outro lado, de noções da psicologia na esfera das ciências naturais é inevitável e pode ser extremamente fecunda.(...) Admiti, por fim, não haver qualquer motivo de vergonha nessas analogias recíprocas, e que podíamos deliberadamente iniciar uma aplicação intensiva deste método, considerando-o uma postura inevitável e sumamente benéfica. Por isso, em meus trabalhos ulteriores, nunca mais hesitei em preconizar esse modo de trabalho, que qualifiquei de “utraquista”; e exprimi a esperança de que esse meio permitirá à ciência fornecer respostas para certas questões que até agora a deixavam impotente (Ferenczi, 1924, p. 256-257).

A interessante proposta desenvolvida neste texto revela a possibilidade da ontogênese guardar os resquícios daquilo que foi a herança filogenética e de todos os processos de *catástrofes* e *traumatismos* pelos quais passou a vida, até se chegar à espécie humana. De acordo com Freud, em *Thalassa*, Ferenczi afirma que as “características daquilo que é psíquico conservam vestígios de antigas modificações da substância corporal” (Freud, 1933, p. 278). Encontramos essa ideia já anunciada cerca de dez anos antes da publicação de *Thalassa*, no artigo *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913), onde Ferenczi comenta que

com o mesmo direito que nos permite supor a transferência para o indivíduo dos traços mnésicos da história da espécie, e até com mais fortes razões, podemos sustentar que os traços psíquicos intra-uterinos não deixam de exercer influência sobre a configuração do material psíquico que se manifesta após o nascimento. O comportamento da criança imediatamente após o nascimento fala a favor de uma tal continuidade dos processos psíquicos (Ferenczi, 1913, p. 42-43).

Outro conceito importante presente neste texto é o de *anfimixia*, com o qual Ferenczi também tentará dar conta do problema que envolve a relação (embarçosa e problemática) entre qualidades e quantidades das energias no plano metapsicológico. Mas, como Freud, ele também não consegue avançar de modo satisfatório. Apesar disso, o conceito sobrevive a este exame e permanece

importante para a sua teoria, ao recuperar a ideia de que diferentes erotismos (anteriores) e estágios de organização pulsional (parciais, pré-genitais) persistem fundidos, lado a lado, numa unidade superior (como a organização genital).

Ferenczi ainda expõe neste texto dois diferentes modos de “evolução orgânica” a partir do ponto de vista “bioanalítico” (método de investigação científica “utraquista” que combina ao mesmo tempo noções “biológicas” e “psicológicas”), a adaptação autoplástica e a aloplástica. “No primeiro caso, é a própria organização do corpo que se adapta às novas circunstâncias, no segundo, o organismo esforça-se por modificar o mundo externo de modo a tornar inútil a adaptação corporal” (Ferenczi, 1924, p. 323). De acordo com Reis (2004), podemos considerar que

a concepção ferencziana pretende expandir o alcance da teoria psicanalítica e, desse modo, compreender enigmas relacionados à ligação entre corpo e mente, para os quais voltara sua atenção desde o início de seu trabalho como psicanalista. Seu interesse recai primordialmente sobre os processos de metamorfose subjetiva que o ser humano percorre de modo singular para se tornar parte de uma ordem coletiva, constituída de inúmeras dimensões psíquicas e corporais (Reis, 2004, p. 59).

Trauma

De acordo com Barande (1996), é a partir de 1927 que o conceito de trauma ganha um interesse maior na obra de Ferenczi, tanto na teoria quanto na experiência clínica. Em *A adaptação da família à criança* (1928a), Ferenczi reavalia a concepção do trauma do nascimento proposta por Otto Rank e da qual ele também se ocupou a investigar. Suas observações posteriores, porém, levaram-no a abandonar essa ideia, pois considerava que o nascimento era, na verdade, o triunfo da vida, já que, na maioria dos casos, a providência fisiológica e a preocupação (instintiva) demonstrada pelos pais em tornar essa transição o mais suave possível, procurando eliminar o transtorno e os incômodos do recém-nascido de forma tão rápida, não poderia assumir o valor de um “trauma”. No entanto, em seguida, ele aponta uma série de situações verdadeiramente traumáticas por que passa a criança após o parto.

Outros traumatismos reais têm efeitos mais difíceis de eliminar: não são de ordem fisiológica mas dizem respeito ao ingresso da criança na sociedade de seus semelhantes e, quanto a isso, o instinto dos pais parece com muita frequência a falhar. Quero referir-me ao trauma do desmame, do treinamento do asseio

pessoal, da supressão dos “maus hábitos” e, finalmente, o mais importante de todos, a passagem da criança à vida adulta. Esses são os traumas mais graves da infância e quanto a eles, até o presente momento, nem os pais em especial nem a civilização em geral foram bastante preventivos (Ferenczi, 1928, p. 5).

Na explicação que se segue a cada um destes traumatismos, Ferenczi relata a importância dos adultos estarem atentos às vivências e às necessidades da criança, o que ele mesmo reconhece como raro. Os adultos parecem esquecer (e, de fato o fazem) das suas próprias experiências e necessidades infantis. Sobre a citação acima, porém, cabe destacar que, apesar de estabelecer uma diferença entre fenômenos pertencentes a uma “ordem fisiológica” e outra distinta dela, parece-me evidente (e decididamente indissociável) a relação entre os aspectos “físicos” e “psíquicos” desses traumatismos. Essa relação aparece de maneira mais clara em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), onde Ferenczi considera os fenômenos vitais, tanto físicos quanto psíquicos, normais ou patológicos, como um emaranhado de formas de manifestações das pulsões, reconhecendo a série complementar etiológica das doenças, enfatizando, porém, o que poderíamos chamar de falha do ambiente (materno, familiar, social...) em acolher a criança em suas necessidades, principalmente nos casos onde elas são tratadas como “hóspedes não bem-vindos na família” (Ferenczi, 1929).

No texto *Confusão de Língua entre os adultos e a criança* (1933), Ferenczi volta a insistir na importância de se resgatar o fator traumático na patogênese das neuroses, segundo ele, injustamente negligenciado pelo movimento psicanalítico: “o fato de não aprofundar de maneira suficiente a origem exterior comporta um perigo: o de se recorrer a explicações apressadas, invocando a predisposição e a constituição” (Ferenczi, 1933, p. 97). Neste artigo, ele retoma algumas ideias a partir das observações extraídas de sua experiência clínica, e elabora a sua teoria do trauma, ao ter se defrontado com fracassos e com resultados terapêuticos incompletos, mesmo nos casos onde as repetições de eventos traumáticos durante o processo analítico haviam sido bem sucedidas, em que pacientes puderam vivenciar e impor à vida afetiva consciente importante quantidade de afetos recalçados. Apesar disso, os pacientes continuavam a se queixar de estados de angústia, pesadelos pavorosos e noites aterrorizantes. Após um período extenso, em que tentava se consolar com a ideia de que se tratava de casos de pacientes com resistências muito fortes e com a necessidade de um processo mais longo, e

por etapas, no sentido de superação do recalçamento, Ferenczi se viu mais uma vez obrigado a realizar um exame desses casos e de fazer uma autocrítica que lhe permitisse buscar novas explicações para essas situações.

Em função desses estados de intenso sofrimento, Ferenczi se viu diante de acusações e censuras por parte de seus pacientes, que lhe diziam ser ele cruel, frio, insensível, sem coração etc. Porém, apenas excepcionalmente esses comentários eram acompanhados de explosões de cólera e ódio. Ao contrário, muitas vezes, as interpretações que se seguiam eram recebidas com docilidade (e, por vezes, confusão) pelos pacientes. A respeito desta impressão, nos diz Ferenczi: “mesmo os pacientes mais dóceis experimentavam em segredo pulsões de ódio e de cólera, e incitei-os a abandonar toda circunspeção a meu respeito. Mas esse encorajamento teve pouco êxito” (Ferenczi, 1933, p. 98). Ferenczi se impressiona com a constatação dessa dificuldade dos pacientes de expressar as críticas dirigidas a ele, sobre o fracasso do processo terapêutico ou de eventuais erros cometidos. A maioria deles se recusava de maneira enérgica, como se a solicitação lhes fosse impossível. Como já havia dito, outros conseguiam reunir condições e coragem para protestar apenas em alguns momentos excepcionais, ou se tivessem recebido uma permissão expressa para fazê-lo. Essas observações levam Ferenczi a afirmar que os pacientes se identificam com os seus analistas e que, talvez por isso, percebam “com muita sutileza os desejos, as tendências, os humores, as simpatias e antipatias do analista, mesmo quando este está inteiramente inconsciente disso” (Ferenczi, 1933, p.98). Mais adiante, com alguma surpresa, acrescenta: “não sei se o reconhecem na nossa voz, na escolha das nossas palavras, ou de alguma outra maneira. Seja como for, adivinham, de um modo quase extra-lúcido, os pensamentos e as emoções do analista” (Ferenczi, 1933, p.101).

A partir dessas considerações, Ferenczi ressalta a importância da atenção em análise estar voltada não apenas para os eventos desagradáveis do passado dos pacientes, mas também para as críticas recalçadas e reprimidas que eles endereçam aos analistas. “É aí que nos defrontamos com resistências que não são desprezíveis, não as do paciente mas as nossas próprias resistências” (Ferenczi, 1933, p. 99). A esse respeito, Ferenczi retoma a necessidade já comentada em artigos anteriores sobre a análise do analista. Para ele, “o analista, de quem

depende o destino de tantos seres, deve conhecer e controlar até as fraquezas mais escondidas de sua própria personalidade, o que é impossível sem uma análise inteiramente terminada” (Ferenczi, 1928b, p. 21). E nenhuma análise pode ser considerada inteiramente terminada se “a maior parte das atividades de prazer preliminar e de prazer final da sexualidade, em suas manifestações tanto normais quanto anormais, não tiverem sido vividas no nível emocional” (Ferenczi, 1928b, p. 21-22).

De acordo com Ferenczi, essas resistências só podem ser vencidas no decorrer da análise se houver uma renúncia por parte do analista a sua “hipocrisia profissional”, que poderíamos reconhecer na atitude fria, distante, neutra e pedagógica, ou, nas palavras do próprio Ferenczi, na falta de sinceridade existente na relação entre o analista e seu paciente. Essa renúncia, entendida até então como inevitável, inclusive para não ferir a sensibilidade do paciente, proporciona, segundo Ferenczi, ao contrário, um alívio extraordinário, capaz de produzir um clima favorável para a reprodução de lembranças de eventos traumáticos do passado sem a perda do equilíbrio psíquico. Anos antes, no texto sobre a *Elasticidade da Técnica Psicanalítica* (1928c), ele já indicara algo semelhante:

Nada mais nocivo em análise do que uma atitude de um professor ou mesmo de médico autoritário. Todas as nossas interpretações devem ter mais o caráter de uma proposição do que de uma asserção indiscutível, e isso não só para não irritar o paciente mas também porque podemos efetivamente estar enganados. O tão antigo costume dos comerciantes que consiste em acrescentar ao fim de cada fatura a marca “S.E.”, ou seja, “salvo erro”, também deveria ser adotado a propósito de cada interpretação analítica. Do mesmo modo, a confiança em nossas teorias deve ser apenas uma confiança condicional, pois num dado caso talvez se trate da famosa exceção à regra, ou mesmo da necessidade de modificar alguma coisa na teoria em vigor até então (Ferenczi, 1928c, p. 31, grifado no original).

Em *Confusão de Língua*, porém, essa “confiança” aparece não mais do lado do analista, mas do paciente. Ou seja, é a capacidade do analista de admitir os seus erros e de renunciar a eles e de autorizar que certas críticas lhe sejam endereçadas que torna possível ganhar a confiança dos pacientes. “*Essa confiança é aquele algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico*” (Ferenczi, 1933, p. 100, grifado no original). Essa mudança permite a Ferenczi fazer, ao mesmo tempo, uma crítica aos traços agressivos de sua técnica ativa e aos exageros para forçar o relaxamento dos

pacientes, além de delinear com mais detalhes a sua teoria do trauma. Pois, a manutenção da atitude de hipocrisia profissional se revela para Ferenczi como a reprodução na situação analítica do trauma infantil. A situação é descrita por ele da seguinte maneira:

As seduções incestuosas produzem-se habitualmente assim: um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura (Ferenczi, 1933, p. 101-102).

Jimenez Avello (2006) chama a atenção para a passagem do texto ferencziano sobre essa primeira etapa da sequência traumática (pré-ação), onde o que ainda existe é uma situação favorável, amorosa, na relação de confiança entre o adulto e a criança. Entretanto, o adulto confunde as brincadeiras infantis com atos e desejos de uma pessoa adulta, que já tenha atingido a maturidade sexual (da organização da sexualidade em torno da genitalidade), e deixa-se levar pela excitação despertada na situação para a prática de atos sexuais (carícias, relações sexuais e, até mesmo, verdadeiros estupros) sem se importar com as consequências desses atos. O segundo momento seria este, da situação da agressão propriamente dita, dos movimentos passionais dos adultos (a linguagem da paixão) sobre a exigência de ternura e verdade da criança, como sublinha Sabourin (1988). Para Ferenczi, uma reação provável para a criança seria a recusa a se submeter a esses atos, demonstrando resistência enérgica, ódio ou repugnância, porém, essa reação se encontra inibida, pelo medo intenso que ela experimenta diante deste adulto agressor, sem condições de enfrentá-lo.

As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos que a emudecem, podendo até fazê-las perder a consciência. *Mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor.* Por identificação, digamos, por introjeção do agressor, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico. (Ferenczi, 1933, p. 102).

Ferenczi concebe essa identificação ansiosa com o agressor pela impossibilidade da criança de reagir ao súbito e intenso desprazer gerado pela situação, em que seu ego ainda debilmente desenvolvido busca, através da

introjeção daquele que a ameaça e agride, tentar manter o estágio de ternura anterior e a preservar o amor do adulto. Alguns comentadores de Ferenczi (entre eles, Barande, 1996; e Pinheiro, 1995) acolhem a proposta de N. Abraham e M. Torok de se referir a essa “introjeção” do agressor como uma “incorporação”, pelos processos e consequências distintos em relação à introjeção “normal”. Já que nos casos de introjeção do agressor (ou incorporação), o que há é uma mudança significativa (clivagem) no próprio ego na criança.

É exatamente porque a introjeção não pôde se realizar que acontece a incorporação. Na impossibilidade de o processo de introjeção ir a termo, a solução encontrada pelo ego é a de fazer de conta que houve a introjeção. Se o processo iniciado não pode ir até o fim, o fantasma da introjeção (a incorporação), por seu caráter mágico e instantâneo, acalmará os perigos possíveis de uma não-introjeção. Mentirosa por natureza, a incorporação conta uma falsa história ao ego, pois traz em si a própria clivagem. A incorporação instala no aparato, desta vez, não a mediação da introjeção, mas uma mentira que deverá ser escondida para sempre (Pinheiro, 1995, p. 52).

De acordo com Ferenczi, a identificação com o adulto agressor faz com que ela “incorpore” também o sentimento de culpa do adulto, gerando uma enorme confusão, pois o jogo até então lúdico e inofensivo se torna um ato que merece punição. A incorporação opera essa divisão na criança que passa a ser ela mesma, ao mesmo tempo, inocente e culpada, sem a possibilidade de confiar em seus próprios afetos e sentidos, e que vê, diante de si, um adulto atormentado pelo remorso e pela vergonha, que nega veementemente o que aconteceu (Ferenczi, 1933). Este terceiro momento, necessário segundo Ferenczi para a instauração do trauma, é o momento do desmentido, quando o próprio adulto agressor, mas também uma segunda pessoa de confiança da criança, desmentem o sofrimento vivido pela criança, a autonomia do seu pensamento e a história factual (Sabourin, 1988). A consequência disto é a operação de um “transplante estranho” no ego da criança (Jimenez Avello, 2006), criada a partir da “confusão de línguas”, de um enxerto prematuro, numa fase de ternura, de um amor passional e culpado do adulto (Ferenczi, 1933).

A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela. Nesse caso, pode-se falar simplesmente, para opô-la à regressão de que falamos de hábito, de *progressão traumática*

(patológica) ou de prematuração (patológica). Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado (Ferenczi, 1933, p. 104, grifado no original).

Todas as consequências clínicas e teóricas que Ferenczi consegue extrair dessa situação são, inacreditavelmente, pertinentes e de rara sensibilidade. Em um de seus exemplos, ele considera que as situações da infância em que pais reagiram por meio de manifestações afetivas intensas, furiosas, enlouquecidas, transformam as crianças em “psiquiatras” de seus pais, como forma de proteger-se. Mas, se os “choques” no decorrer do desenvolvimento se tornam de tal forma muito numerosos, “a variedade de fragmentos clivados aumentam, e torna-se rapidamente difícil, sem cair em confusão, manter contato com esses fragmentos” (Ferenczi, 1933, p. 105).

A par do amor apaixonado e das punições passionais, existe um terceiro meio de se prender uma criança: é o *terrorismo do sofrimento*. As crianças são obrigadas a resolver toda espécie de conflitos familiares, e carregam sobre seus frágeis ombros o fardo de todos os outros membros da família. Não o fazem, afinal de contas, por desinteresse puro mas para poder desfrutar de novo a paz desaparecida e a ternura que daí decorre. Uma mãe que se queixa continuamente de seus padecimentos pode transformar seu filho pequeno num auxiliar para cuidar dela, ou seja, fazer dele um verdadeiro substituto materno, sem levar em conta os interesses próprios da criança (Ferenczi, 1933, p. 105, grifado no original).

Portanto, para além dos casos extremos de agressão sexual, podemos pensar no trauma também a partir dessa infinidade de situações que ocorrem durante a infância, onde a criança se encontra diante desses choques. Para Ferenczi, “o choque é o equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo” (Ferenczi, [1920 e 1932], p. 109). A “clivagem narcísica” que sucede esses estados cria diferentes organizações no ego da criança, que dificultam a integração da experiência de si e da possibilidade de vivência e expressão dos seus afetos.

A comoção psíquica sobrevém sempre sem preparação. Teve que ser precedida pelo *sentimento de estar seguro de si*, no qual, em consequência dos eventos, a pessoa sentiu-se *decepcionada*; antes, tinha *excesso* de confiança no *mundo circundante*, depois, muito pouco ou nenhuma. Subestimou a sua própria força e viveu na louca ilusão de que *tal* coisa não podia acontecer; “não a mim”. Uma comoção pode ser puramente física, puramente moral ou então física e moral. A comoção física é também sempre psíquica; a comoção psíquica pode, sem

nenhuma interferência física, engendrar o choque (Ferenczi, [1920 e 1932], p. 109-110, grifado no original).

Numa espécie de exortação a pais, professores, adultos em geral, e também aos psicanalistas, Ferenczi afirma que eles deveriam aprender a reconhecer que há,

por de trás do amor de transferência, submissão ou adoração de nossos filhos, pacientes, alunos, o desejo nostálgico de libertação desse amor opressivo. Se ajudarmos a criança, o paciente ou o aluno a abandonar essa identificação e a defender-se dessa transferência tirânica, pode-se dizer que fomos bem sucedidos em promover o acesso da personalidade a um nível mais elevado. Sabemos há muito tempo que o amor forçado, e também as medidas punitivas insuportáveis, têm um efeito de fixação (Ferenczi, 1933, p. 104).

A conclusão a que chega Ferenczi é fruto de uma longa e incansável investigação teórica e clínica, de quase quarenta anos de atuação médica e cerca de vinte e cinco anos como psicanalista. A delicadeza, flexibilidade e disponibilidade de sua postura clínica encontram uma bela definição no artigo *Elasticidade da Técnica Psicanalítica* (1928c):

Adquiri a convicção de que se trata, antes de tudo, de uma questão de tato psicológico, de saber quando e como se comunica alguma coisa ao analisando, quando se pode declarar que o material fornecido é suficiente para extrair dele certas conclusões; em que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada; como se pode reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente; quando se deve calar e aguardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente, etc. Como se vê, com a palavra “tato” somente consegui exprimir a indeterminação numa fórmula simples e agradável. Mas o que é o tato? A resposta a essa pergunta não nos é difícil. *O tato, é a faculdade de “sentir com” (Einfühlung)* (Ferenczi, 1928c, p. 27, grifado no original).

E como insiste Ferenczi, em diversas ocasiões, as provas de tato de um analista só serão efetivas se a *segunda regra fundamental* da psicanálise for levada adiante: a análise do analista⁶. Ferenczi oferece ao menos dois exemplos para poder se pensar nesta atitude clínica, da qual depende todo o manejo da transferência: o “tato”, ou a capacidade de “sentir com”. Tentemos extrair dessas

⁶ A insistência de Ferenczi a esse respeito me faz lembrar dos versos da música de Itamar Assumpção (*Vá cuidar da sua vida*): “*Vá cuidar da sua vida/ Diz o dito popular/ Quem cuida da vida alheia/ Da sua não pode cuidar*”. Sobre a necessidade da análise pessoal do analista para poder desempenhar bem a análise de seus pacientes.

imagens o que for possível, pois, como já diria Freud, os exemplos, as imagens e as metáforas só nos servem até certo ponto, depois deixam de ser úteis ou adequados como comparação.

A primeira dessas imagens, proposta por Ferenczi, é a de uma tira elástica, flexível, que possa ceder o quanto for conveniente ou necessário, mas sem abandonar a tração que lhe é própria, sob o risco de arrebentar. A outra, diz respeito a se colocar no diapasão do doente e poder sentir com ele todos os seus humores, mantendo, por outro lado, a firmeza necessária à posição do analista, fornecida pela experiência clínica (Ferenczi, 1928c). A metáfora musical *soa* mais interessante. Ao afinar um violão, por exemplo, com um único instrumento rústico (diapasão), buscamos fazer com que a corda *vibre* na mesma *sintonia* da vibração do diapasão. Uma imagem mais grandiosa e, aparentemente, mais anárquica, é a da orquestra afinando todos os seus instrumentos (guardadas todas as proporções e limitações destas imagens). Ao final, o que temos é a possibilidade de uma execução harmoniosa de uma música. O percurso de uma análise pode ser assim exemplificado, como o movimento coordenado de analista e analisando, com *modulações*, modificações do *ritmo* e do *andamento*, a possibilidade de construção de acordes (por vezes, com notas dissonantes) para simples (tristes, monótonas ou alegres) melodias. Com uma importante diferença: a partitura é escrita a quatro mãos, à medida que se *toca* uma análise. Isso sem falar, é claro, no silêncio.

Essa pequena digressão serviu para tentar resgatar a dimensão afetiva que procurei acompanhar na obra ferencziana a partir dos conceitos de introjeção e trauma, e os seus desdobramentos. A meu ver, Ferenczi parece trazer a ideia de uma atmosfera afetiva que se cria nos encontros e que confere a eles um sentido (sem necessariamente utilizar o recurso da palavra falada), nas mais variadas relações, como mãe-bebê, pais-filho(a), professor-aluno, analista-analisando. Ele se dá a partir do encontro intersubjetivo dos corpos, atravessado por um conjunto de impressões, marcas e sensações, capazes de produzir diferentes climas, que favorecem e dificultam a expressão dos diferentes estados afetivos e do significado que acompanha cada um deles.

A obra de Ferenczi traz, assim, uma importante contribuição para a conceituação do afeto em psicanálise, por apresentar um complemento distinto da

proposta metapsicológica freudiana para o tema. E não apenas isso. Com sua postura inquieta, questionadora e criativa, a obra ferencziana nos lembra da necessidade constante de não nos acomodarmos com o dogmatismo teórico psicanalítico, nem de nos sentirmos “confortáveis” no exercício de uma técnica analítica inflexível e enrijecida. Ou, ainda, como nos diz Reis (2004),

Ao longo de sua obra, podem ser destacadas importantes formulações teóricas que o levaram a explorar os confins da psicanálise, estender os limites da clínica para além do campo das neuroses de transferência e abordar as neuroses traumáticas, as psicoses e os distúrbios somáticos. O processo de introjeção como elo que liga o ser humano a seu mundo e o papel atribuído à corporeidade na expressão dos afetos são exemplos espantosamente atuais, nos quais encontramos caminhos para a abordagem clínica de casos que aparentemente não dizem respeito ao campo psicanalítico. De fato, Ferenczi, mesmo tendo permanecido psicanalista até sua morte, não era subserviente aos dogmas institucionais. Seu trabalho é uma constante advertência para que os psicanalistas não se fechem em uma redoma, protegendo-se assim tanto do sofrimento de seus pacientes quanto do diálogo e da discussão com outros saberes (Reis, 2004, p. 73).

Porém, em diversos momentos de sua obra, Ferenczi reafirma e mantém a concepção dualista freudiana, seja por “ato de fé” ou por “defesa circunstancial”, apesar de sua proposta utraquista atenuar bastante essa concepção. Considero, no entanto, que a manutenção desta visão dualista é um impedimento para se pensar em profundidade a dimensão afetiva. A passagem abaixo demonstra, a meu ver, como é sutil, mas ainda insuficiente, a proposição ferencziana:

Mesmo que dispuséssemos de uma máquina que projetasse numa tela os mais sutis processos do cérebro e registrasse com precisão todas as modificações do pensamento e do sentimento, restaria sempre a experiência interna e seria necessário ligar ambas as experiências. O único meio de resolver essa dificuldade consiste em reconhecer as duas vias da experiência – a física e a psíquica (Ferenczi, 1928, p. 13).